



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**LAYO KAYRÚ SOARES NUNES**

**SEVERINO BEZERRA DE CARVALHO EM MÚLTIPLAS FACETAS:  
DO ACERVO PESSOAL À BIOGRAFIA HISTÓRICA.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**LAYO KAYRÚ SOARES NUNES**

**SEVERINO BEZERRA DE CARVALHO EM MÚLTIPLAS FACETAS:  
DO ACERVO PESSOAL À BIOGRAFIA HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em História.

**Orientadora:** Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro.

**CAMPINA GRANDE - PB**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972s Nunes, Layo Kayru Soares.  
Severino Bezerra de Carvalho em múltiplas facetas  
[manuscrito] : do acervo pessoal à biografia histórica / Layo  
Kayru Soares Nunes. - 2020.  
47 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação , 2020.  
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro ,  
Coordenação do Curso de História -CEDUC."  
1. Biografia. 2. História local. 3. Campina Grande -  
Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 925

LAYO KAYRÚ SOARES NUNES

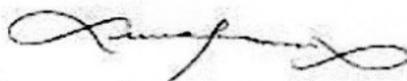
**SEVERINO BEZERRA DE CARVALHO EM MÚLTIPLAS FACETAS:  
DO ACERVO PESSOAL À BIOGRAFIA HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em História.

**Orientadora:** Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro.

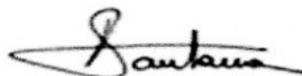
Aprovado em: 25/09/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



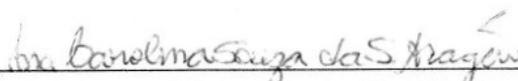
---

Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



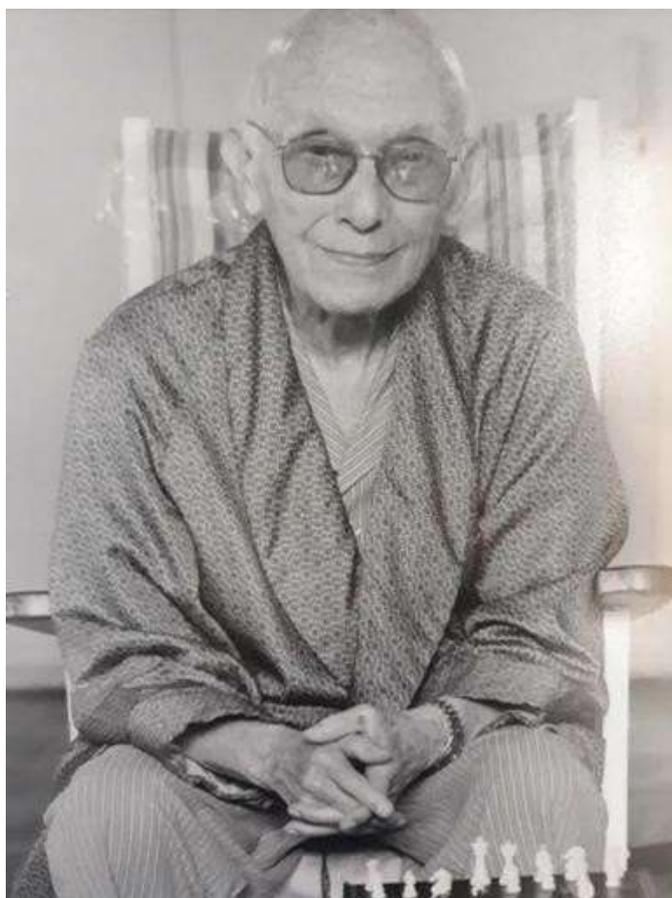
---

Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Ana Carolina Souza da Silva Aragão  
Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (Uniesp)



A todos que contribuíram com a ressurreição da memória um homem que amava a cidade.

## AGRADECIMENTOS

Olá, caro leitor do meu trabalho de conclusão de curso. Obrigado por parar aqui e ler meus agradecimentos a todos que contribuíram com este que foi um dos mais importantes trabalhos que já fiz.

Em primeira mão agradeço a meus pais, Sra. Edna da Silva Soares, que me guiou para carreira de professor, espero chegar aos pés da profissional que minha mãe se tornou ao longo de vários anos na profissão, assim como honrar o nome da família que já está repleta de ótimos professores. Ao meu pai, Sr. Hermógenes Carneiro Nunes, este que nunca relutou para trazer o melhor para nossa família, espero retribuir tudo que ele fez por mim de forma pessoal sendo o melhor em tudo que venha a fazer. Agradeço a meu irmão Lavyk Soares Nunes do qual também estive comigo, não importa onde ou como, sempre caminhou ao meu lado.

Não poderia deixar de agradecer também a Denise Teixeira da Costa por ter marcado os anos que passei dentro dos confins da UEPB da melhor forma possível. Ela que assim como minha mãe se tornou uma das melhores profissionais que eu já vi, me inspiro muito em sua capacidade dela. Sonin, preciso nem falar o quanto amo você.

Esse parágrafo eu gostaria de dedicar a todos os professores que contribuíram com minha carreira acadêmica e meu conhecimento sobre História. Em especial à professora Luira Freire Monteiro, do Departamento de História, que acreditou em meu potencial, investiu em meu conhecimento e nunca me deixou de lado. Foi ela que, em poucos encontros, me indicou para ser bolsista no projeto do Acervo Bezerra de Carvalho, vinculado à Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, como forma de atuação no Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local - NUPEHL. Graças à bolsa auferida e ao trabalho de pesquisa desenvolvido junto com a equipe de Carolina Aragão, que esta monografia se realizou. Obrigado, Lu! Te admiro bastante!

Não poderia deixar de agradecer a Ana Carolina Aragão, pois se este trabalho está pronto foi também mérito dela. Carol, obrigado por ter me recebido tão bem. Carrego você e Taciane no coração, não importa se estou aqui ou do outro lado do mundo.

Sou grata, também, ao professor agora aposentado Adonhiran Ribeiro, por me mostrar as mais diversas faces da universidade. Adon, nunca mais esqueço de você, grande Siba.

Agora vem aqueles agradecimentos para deixar marcado na história pra sempre, esse vai para meus amigos e colegas que fiz dentro da UEPB, toda a minha turma 2014.1, em especial a Samiri Mendes e Lais Oliveira, sinto muito orgulho de todos que estavam naquele curso, caminhar ao lado deles foi muito importante para minha formação também.

Agradeço a meus amigos pessoais, galera do Ducks of cg, por embarcar nas minhas viagens e particularidades, sem eles não tem sentido as coisas, espero estar sempre perto deles para fazer aquele churrasco e jogar conversa fora.

E por fim agradeço a mim por nunca ter desistido apesar dos percalços e dificuldades, foram 5 anos que estarão marcados para sempre na minha vida, sentirei saudades mas prometo voltar, pois já diziam os grandes filósofos de corredores “Você sai da UEPB, mas UEPB nunca sai de você”.

“Parte da jornada é o fim”  
(Tony Stark)

## RESUMO

A presente monografia tem como sujeito e objeto o médico pernambucano, professor e morador de Campina Grande, Severino Bezerra de Carvalho, um homem que teve sua história de vida entrelaçada com a própria história da cidade, e que aos poucos está sendo esquecido pelo tempo. Entretanto soube como deixar seu legado marcado nas nuances temporais através do seu grandioso acervo localizado no campus I da Universidade estadual da Paraíba. A pesquisa se voltou para ressaltar suas contribuições para a área da saúde em Campina Grande assim como suas colaborações para a história local. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo/biográfico e foi retirada dos seus arquivos pessoais, sendo eles na sua grande maioria composto por fotografias, diários e documentos que se encontram preservados no acervo. Serão analisadas também algumas fotografias relevantes de Campina Grande, essas que contribuem para a memória visual do espaço assim como a história local.

**Palavras-chave:** Severino Bezerra de Carvalho. Biografia. História local. Campina Grande

## **ABSTRACT**

This paper has the main objective to settle in the history the biography of a doctor, professor and dweller of Campina Grande, Severino Bezerra de Carvalho. A man that has his life history interlaced with the city of Campina Grande, but bit by bit was being forgotten by the time, however he knew how let his legacy mark in people's life by his grand collection left behind after his death. We are going to highlight his contributions for the medical area of Campina Grande, as well as his collaboration with the city history. Our research has a quantitative/biographical purpose and was taken of Severino's archive such as photographs, journals and files that could be found inside of Universidade Estadual da Paraíba collection. We are going to analyze some relevant photographs of Campina Grande that contributing to a visual memory of the city as well as its local history.

Keywords: Severino Bezerra de Carvalho. Biography. Local History. Campina Grande

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Inauguração da sociedade médica de Campina Grande .....	20
Figura 2: Família Bezerra de carvalho Reunida em ceia natalina.....	22
Figura 3: Dona Zezé em casa ao lado do seu piano. ....	22
Figura 4: Severino Bezerra de Carvalho e Dona Zezé.....	24
Figura 5: Flavio Bezerra de Carvalho .....	25
Figura 6: Saul Bezerra de Carvalho .....	25
Figura 7: Adriana Bezerra de Carvalho e Alexandre Bezerra de Carvalho. ....	26
Figura 8: Isolda Bezerra de Carvalho (esquerda) Valéria Bezerra de Carvalho (direita) .....	27
Figura 9: Magnólia Bezerra de Carvalho em visita ao acervo Severino bezerra .....	28
Figura 10: Catedral de nossa senhora da conceição na década de 30, Campina Grande - PB	29
Figura 11: Rua Monsenhor Sales, década de 1930.....	30
Figura 12: Rua Maciel Pinheiro na década de 20. ....	30
Figura 13: Praça Clementino Procópio, década de 1950 .....	31
Figura 14: Estante de discos, e outras mídias áudio visuais .....	33
Figura 15: Capa de "nelumbo e outros sonetos" s/d .....	34
Figura 16: Capa do livro “Memórias de Casmurrindo Vespa” publicado em 1964. ....	36
Figura 17: Lançamento do livro Memórias de Casmurrindo Vespa, na Livraria Pedrosa, em 1964.....	36
Figura 18: Pinturas de Flávio e Saul Bezerra de Carvalho. ....	37

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 Na senda teórica da pesquisa.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Afinal, quem foi este homem? .....</b>	<b>17</b>
2.1 A vida sob o estetoscópio .....	19
<b>3 A família e a cidade sob um olhar criterioso .....</b>	<b>21</b>
3.1 Fotos da família.....	21
3.2 Fotos da cidade.....	28
<b>4 Um amante das artes .....</b>	<b>33</b>
4.1 Música para seus ouvidos .....	33
4.2 Literata, poeta e poliglota .....	33
4.3 Entre aquarelas e pinceis .....	37
<b>5 O acervo e sua memória .....</b>	<b>38</b>
<b>6 Considerações finais .....</b>	<b>40</b>
<b>Referências .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO.

Em meados de 2017 comecei a fazer parte do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL) na UEPB a convite de sua coordenadora, Doutora Lúcia Freire Monteiro. Recém-criado, aquele núcleo se destinou a desenvolver suas atividades considerando a imbricação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Objetivava, assim, promover e estimular pesquisas sobre as histórias “locais”, contextualizadas em realidades conjunturais e estruturais, incentivando e promovendo ações sobre a temática”<sup>1</sup>. Os trabalhos que começaram a ser ali desenvolvidos por variadas equipes de alunos e professores destinados aos trabalhos de preservação, conservação, digitalização e, especialmente, de construção de uma historiografia inovadora sobre os lugares da Paraíba, despossuídos e/ou alijados da operação historiográfica ao nível acadêmico, cedo despertaram em mim a certeza que eu havia chegado no lugar certo e na hora exata para consumir minha formação enquanto historiador.

Em 2018 eu já estava mais familiarizado e envolvido com a proposta do núcleo. Foi nesse ínterim que fui realojado numa rede especial que o NUPEHL, a partir de sua dinâmica coordenação, construiu para atingir seus fins. Fui escalado para integrar a equipe do projeto “Campina Grande através de fotografias: a reconstrução da memória social, cultural e histórica dos séculos XIX e XX” no Acervo Severino Bezerra de Carvalho, no Campus I da UEPB, e coordenado pela Dra. Ana Carolina Aragão. O trabalho objetivava a catalogação de uma coleção de fotografias, constantes num acervo adquirido em 2014 pela Universidade, e que naquela altura já integrava a Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, também pertencente ao mesmo campus.

O acervo pertenceu a um famoso médico campinense, Dr. Severino Bezerra de Carvalho, um intelectual que atuava além das fronteiras do saber da medicina e que deixou para o acervo materiais como fotografias, pinturas, quadros, filmes em VHS e DVD, diários, fitas cassete, uma coleção de discos de vinil, na maioria de música clássica, e livros em várias línguas, nas quais o proprietário era fluente.

Ao longo da realização do projeto, as diversas faces da cidade de Campina Grande foram emergindo através de centenas de fotografias guardadas e conservadas. Os registros fotográficos despertavam minha curiosidade, não apenas sobre a cidade de Campina Grande e sua história, mas também sobre a pessoa que as tirava ou adquirira. Dessa forma, comecei a

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://nucleos.uepb.edu.br/nupehl/apresentacao/>

questionar sobre a quem pertencia aquele acervo grandioso, quem era, e como era aquele homem, cujo nome é um tanto quanto desconhecido por mim e outras pessoas.

Minha curiosidade só aumentava com o tempo. Especialmente porque, dentre as várias fotos da cidade era bastante comum encontrar algumas imagens do próprio Dr. Bezerra de Carvalho, de sua família, sua rede de amigos e locais que o mesmo havia visitado ou frequentado, como também viagens, eventos, etc. O médico era aficionado pela fotografia e cuidava de registrar, ao máximo, aspectos variados da própria vida e da cidade.

À medida que eu percorria o acervo fotográfico do médico, catalogava as fotos e fazia a identificação dos locais registrados, aos poucos fui conhecendo, também, a história de Campina Grande. O trato com aquelas fotografias me fez conhecer algo novo: uma cidade que mudou com o passar das décadas, e cujos lugares eu desconhecia por completo, necessitando de suporte bibliográfico ou informacional para efetivar a identificação.

Contudo, passei a conhecer a vida social da cidade e, não menos importante, a vida particular do médico que se deleitava em registrar detalhes da própria casa, o crescer dos filhos, o fazer cotidiano da família. A pesquisa me fez entrar em sua casa, e nos tornamos amigos. Aos poucos eu estava conversando sobre seus projetos, conquistas, angústias, enfim, sobre sua vida e seu modo tão particular de enxergá-la.

Saindo pelas ruas da cidade, procurei Bezerra de Carvalho nas ruas e não o encontrei em canto algum. Sua casa foi demolida, dando lugar a um arranha céu. Alguns dos seus filhos e sua esposa morreram e hoje são poucos os que lembram deles. Sua memória, contudo, permanece viva e latente no acervo mantido pela UEPB. Foi ali que tive o insight para divulgar este campinense ilustre em uma época, verdadeiro desconhecido nos dias atuais. Um homem que hoje se funde com outros objetos, que se expressa em coleções e expressões de lazer de toda uma vida, e que aqui se torna objeto de pesquisa.

Partimos da seguinte problematização: Como o acervo Dr. Severino Bezerra de Carvalho mantém viva a memória de seu criador, em suas coleções? Objetivamos, assim, destacar o acervo Severino Bezerra de Carvalho como obra de seu criador, que expressa seus saberes, hábitos, manias, hobbies e afetos, recriando um sujeito histórico.

## 1 NA SENDA TEÓRICA DA PESQUISA

A História sempre esteve relacionada a grandes fatos que marcaram a sociedade e como eles contribuíram para o presente. Para além de todo aparato que legitima a escrita da história, uma das formas de fazê-la é através da biografia, cujo procedimento de coleta e disposição de dados está envolvido em uma série de debates e críticas.

*A priori*, a biografia histórica possuía um sentido de causa e efeito ou de exaltação de um personagem e não estava ligada a um fato ocorrido em larga escala. A autora Mary Del Priore (2009) destaca o importante papel de Heródoto e Tucídides nos primeiros passos do gênero.

A biografia mudou ao longo dos tempos. No início era o verbo e o verbo, a narrativa. E a narrativa era história em Heródoto, mas também retórica, em Tucídides. Em um quanto em outro, a preocupação com o efeito literário era maior do que com a exatidão das informações (Del Priore, 2009, p. 7).

Ainda de acordo com a autora, o modelo grego de contar/escrever história serviu de base para a hagiografia, que trazia aspectos do sagrado para o cotidiano, transformando o sujeito em herói.

A hagiografia encarregou-se de demonstrar a exemplaridade humana. A vida dos santos deveria incentivar modelos aos leitores. As encarnações do sagrado se tornavam modelares no percurso realizado por mártires, doutores e confessores. A partir dos séculos XII e XIII, os santos deixaram o mundo fechado dos monastérios. A santidade passou a ser imitada no cotidiano e a narrativa sobre a vida de cavaleiros invadiu a Idade Média. Era o início de um período de heróis. Heróis, ao mesmo tempo, objetos de transferência do sagrado, atores de intrigas e portadores de valores positivos (Del Priore, 2009, p.7).

Mais tarde, com a explosão da bolha do Renascimento, o individualismo tornou - se um aspecto na escrita da história. O homem quebrou paradigmas e passou usar o “eu”. Nas suas vivências se desprende do sagrado, repensa e contesta a natureza da criação. Uma das características desse movimento foi o desenvolvimento do racionalismo, quando o homem confiou na razão e na ciência como também se tornou descrente do que não lhe foi comprovado. Essa mesma escrita de valorização do “eu” não criava heróis, mas encaixava o sujeito em algum momento de relevância social e suas memórias narravam os fatos.

O gênero biográfico por muitos foi considerado obsoleto e sem exatidão. Essa perspectiva faz parte de um processo onde a história está composta de desmembramentos de outras histórias no qual todas elas juntas compõem e contribuem para um acontecimento em larga escala e, na visão da Escola dos *Annales*, um modelo macroestrutural, que preserva uma

história totalizante e crítica o Positivismo que enaltecia homens como heróis.

Quando História e Literatura passaram a ser disciplinas acadêmicas, uma ruptura entre elas foi estabelecida e nessa mesma época a Nova História, apoiada em nomes como por Lucien Fébvre e Marc Bloch, ambos entusiastas da Escola dos *Annales*, ganharam destaque ao exaltar o fato social total em todas as suas dimensões econômicas, sociais e culturais.

A forte onda da Nova História, acompanhada pela História social e o Marxismo gerou uma série de novas formulações na escrita da história colocando a biografia em segundo plano. A exemplo disto, Fernand Braudel em seu livro *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II*, destaca o importante papel do mar em relação ao rei Felipe II.

No livro, o autor legitima o conceito da *História de longa duração* na qual eventos históricos de curta duração nada nos contavam, seriam como vagalumes numa noite escura, que acendem e apagam, mas nunca iluminam a noite por completo. Então, para que a história tomasse forma, era preciso estudar as estruturas sociais e históricas, que permanecem e resistem ao tempo até hoje.

Outro exemplo de crítica à biografia histórica foi o polêmico livro de Pierre Bourdieu, *L'illusion biographique*. Para o autor, a biografia não descrevia a vida do indivíduo como parte da história em larga escala. “A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram, de contrabando, no universo erudito” (Bourdieu, 1962, p. 62-63).

Para o sociólogo francês, a biografia consistia em exaltação do nome do biografado pois este “é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade das suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais” (Bourdieu, 1996, p.187).

É neste cenário que a visão dos historiadores para com a biografia mudou, e as críticas disparadas por Bourdieu de certa forma instigaram a repensar o gênero e sua forma de escrita positivista e tradicional. Desse modo, para Bourdieu, a biografia não apresentava pertinência alguma (Dosse, 2009, p. 209).

A biografia assume novos sentidos a partir do momento em que seu sujeito está presente na história e é testemunha dela. Segundo Mary Del Priore, os biografados

“[...] Não eram mais apresentados como heróis, na encruzilhada de fatos, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual” (Del Priore, 2009, p. 9).

Segundo Avelar (2011), o mal-estar inicial provocado pela irrupção da biografia foi, aos

poucos, sendo dissipado e o estudo de trajetórias individuais passou a ser incorporado ao modelo macroestrutural dos *Annales*. O gênero retornou aos planos dos historiadores com uma problemática muito diferente, promovendo uma renovação de instrumentos conceituais e metodológicos que levaram inclusive a repensar a relação entre o homem e a história.

Neste sentido, a obra italiana organizada por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi *Microestorie*, ao deixar de lado a história em larga escala, direcionando seus estudos para o sujeito anônimo correlacionado com as mentalidades coletivas, culturais, políticas, econômicas e todo o aparato social no qual o indivíduo está inserido, assumiu-se como o mais bem acabado de modernizado modelo biográfico, capaz de emergir junto com a análise histórica. A chamada “História vista de baixo” foi inaugurada com a biografia de Menocchio, personagem principal na obra de Carlo Ginzburg, *O Queijo e os Vermes*, na qual a história de vida do personagem nos ajuda a compreender como funcionava o processo inquisitório no antigo regime europeu. De acordo com Jacques Le Goff, a biografia histórica deve se fazer, ao menos em certo grau, relato ou narração de uma vida, se articulando em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos” (1989, p. 1).

Portanto, na biografia histórica o sujeito não deve ficar oposto as configurações sociais, pois ele é resultado de tudo que está ao seu redor e de suas relações com outros indivíduos. Essa percepção permite percorrer em múltiplos espaços e tempos as relações nas quais elas se inscrevem. A inversão da estratégia analítica, construída agora a partir de dados fornecidos pelos arquivos, alterou significativamente a visão dos fatos (Souza, 2007, p. 29-30).

O movimento de retomada do gênero biográfico, especialmente das micronarrativas, contribuiu para a formação de uma história pautada nas versões manifestas pela oralidade e pelo resgate da memória de sujeitos participantes daquele contexto histórico, Segundo Levi.

A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura são transmitidos à historiografia. Muito já se debateu esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciariam amplamente os historiadores (LEVI, 1996, p. 168).

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro (Borges, 2009, p. 232 ). Portanto, o maior desafio para o historiador-biógrafo é o de não colocar seus interesses na pesquisa biográfica em uma busca de dar sentido e coerência à vida do biografado. Porém, para Dadoun (2000,p.62), a

ilusão é necessária, pois a biografia tomaria como sua fonte última o mais poderoso e grandioso desejo humano, que é o de construir-se e definir-se como um ‘si mesmo’ . De acordo com Richard Holmes, a biografia pode propiciar uma espécie de espelho ético, no qual podemos ver, com uma força súbita a nós mesmos e nossas vidas sob diferentes ângulos (Holmes, 1985, p. 83).

O pré falado *Espelho ético* nada mais é que um mecanismo que nos direciona para um ponto pertinente: as fontes. Para o biógrafo, as fontes, em sua grande maioria, estarão voltadas para documentos pessoais, entrevistas com familiares e relatos de amigos, cujo uso na pesquisa exige um cuidado metodológico primoroso, seja com a captação das informações que se busca, ou com a forma com que as mesmas são analisadas, numa fase na qual o respeito tanto com o sujeito biografado quanto os entrevistados se faz mais que necessário, para que a biografia não caia no conto das revelações extraordinárias. A respeito, Borges alerta:

É preciso um grande respeito ao outro, um cuidado para não se querer “consumir” o biografado como um produto, evitando aquilo que ocorre por vezes hoje em dia, nas relações humanas e, especialmente, em algumas relações biográficas (Borges, 2009, p. 237 ).

Semelhante a este pensamento, Sá Avelar (1997) diz que, a partir do momento que são realizadas entrevistas, seja com o biografado ou com seus familiares e amigos, há de se estabelecer um limite diante do que será questionado, do que será aprendido e de como serão repassada essas informações.

Na mesma perspectiva, Bisso Schmidt (2009) afirma que:

Para o historiador e biógrafo em particular, não existem fatos importantes em si, que precisam ser revelados “do a quem doer”; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado por ele mesmo. Também sua forma de encarar a verdade é – ou deveria ser – mais sofisticada, e tensionada, do que aquela própria do senso comum, limitada à factualidade imediatamente apreensível (...). Respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras, historicamente construídas, do ofício de historiador: tais me parecem ser os parâmetros mais importantes desta ética particular, aquela do profissional de História que se dedica a perscrutar os caminhos e descaminhos de uma vida (Schmidt, 2009, p. 24-25).

Para Sousa (2007) as biografias:

Evitam a formulação de paisagens monolíticas do passado, mostrando, ao contrário, que se as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e de escolha sempre deixam margens de manobra, através das quais homens podem se movimentar socialmente e promover mudanças, mesmo que pequenas, em seu meio.

Portanto, a biografia contribui para uma escrita da história não mais pautada na construção de um herói sem falhas, mas sim nos contar a vida de um personagem que também tem seus defeitos e frustrações e como ele está conectado nas relações sociais. Esse movimento contribui também para a revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado sem tomá-lo como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida (Avelar, 2011, p.11).

Levando tais constatações para o campo empírico da pesquisa realizada, partimos para a construção da biografia do Dr. Severino Bezerra de Carvalho, a partir das fontes encontradas em seu acervo, tais como diários, entrevistas e fotografias que nos revelaram um homem envolvido em conquistas, luto e uma carga de mistério.

## 2 AFINAL, QUEM FOI ESTE HOMEM?

Em meados de 1760 uma capela dedicada à Nossa Senhora da Glória foi erguida por lavradores no alto do Planalto da Borborema, em Pernambuco. Em volta da capela surgiu então um pequeno povoado que sobrevivia às dificuldades nordestinas, nas margens do Rio Goitá. Com expressiva visitação de monges beneditinos oriundos da Vila de Olinda, cedo ali se formou um povoado que, em 1837, assumiu o status de nova vila da província de Pernambuco, denominada Glória do Goitá.

Conhecida como a terra dos bonecos de mamulengos, do berço da Madame Satã, do cangaceiro Cabeleira, de poetas como Urbano de Sousa Costa, Zé do Boô e Zezinha Lins, ali nasceu no primeiro dia de junho, em 1915, Severino Bezerra de Carvalho.

Gloria do Goitá, contando com menos de vinte mil habitantes, era uma típica cidade de interior. Sua paisagem era marcada por casas de muro baixo, ruas vazias, de terra batida, que direcionavam os passos a uma pequena feira na praça defronte à igreja matriz. Os habitantes, afetados pelo marasmo, descansavam nas horas mais frescas do dia, sentadas à beira da calçada, com suas cadeiras de balanço.

Ao escrever sobre seu local de nascimento, em um de seus diários, ao qual ele chamou de “Vagamundagem” (p. 13), Bezerra de Carvalho, talvez em halo de saudosismo, descreveu a cidade como a “terra dos ladrões de cavalos”, e explicava:

O município de Glória do Goitá fica entre os minuciosos lugares de Vitória de Santo Antão e Limoeiro, e as feiras de cavalos em Vitória eram célebres. Ora, os ladrões não iriam fugir para o lado de Recife, procuravam Limoeiro e eram presos no caminho. Naquele tempo ainda se prendiam ladrões. Acontece que na página inicial do Diário de Pernambuco aparecia com muita frequência a notícia “Foram presos no município de Glória do Goitá os ladrões de cavalos” e esses noticiários gerou muitas inimizades entre os habitantes da cidade. Os de Vitória gostavam de perguntar aos vizinhos, que por lá aparecessem, onde eles haviam deixado os cabrestos e ouviam a resposta inevitável: “No focinho da sua mãe! ”

Apaixonado por versos e prosa, Bezerra de Carvalho se dedicou a construir sua *Ego história*<sup>2</sup>. Em seus esforços sobre sua história de vida, alternou sua escrita entre textos descritivos e poemas. Ao lembrar do período que morou em Glória do Goitá, dizia que suas lembranças ficariam melhor em versos que escrevera para seus netos, no passado (p. 35). Mesmo assim, não deixou de registrar sua memória sobre o vilarejo:

“Nasci numa cidade tão pequena que as ruas se contavam pelo os dedos de uma só mão/ A rua da Lapinha do Barracão, da Penha e duas outras, a do Cisco e a da Lama, a mais extensa/ E havia mais dois pátios: o da igreja que era também da Feira e o do

Cruzeiro, onde meu pai morava com dindinha”.

Bezerra de Carvalho foi filho de pais separados, uma raridade em sua época e que causava constrangimento às famílias. O motivo dessa separação não fica esclarecido nos escritos do autor, o que talvez demonstre seu desconhecimento sobre o assunto ou a necessária negativa para assunto tão espinhoso.

De seus escritos emerge a morte da primeira filha do casal, sua irmã mais velha. Depois dessa morte, talvez decisiva para a separação do casal enlutado, dois anos mais tarde nasce nosso biografado, imerso num lar triste, que se esfacela durante sua infância humilde e solitária, sob os cuidados de sua mãe, em uma casa onde seu pai não entrava. Nas leituras de seus diários pouco é falado pelo médico sobre sua infância, e as lembranças, quando existem, foram escritas quase na intenção de esconder do que em revelar. As memórias são vagas e transpiram notável rancor:

Eu guardei duas lembranças amargas da minha cidade natal, não por culpa dela. Certa vez nas compras de fim de ano que minha mãe fazia na loja de seu Juca, fiquei enfeitado por um chapeuzinho de massa de cor azul celeste que, ao exibir, ganhei de imediato o apelido de “galo de campina azul”. A outra foi quando vesti pela primeira vez calças compridas e me chamaram de “pinto calçudo”. Passei a semana inteira enfurnado sem botar a cabeça na rua.

Em 1927, seu pai, já separado de sua mãe, o levou nas férias para visitar seu primo João Alves de Oliveira, em Campina Grande, numa aventura notável para além das fronteiras verdes de Pernambuco. Entrar na paisagem do agreste da Paraíba pelas janelas do trem em que viajou, abriu seus olhos para a grandiosidade do mundo, despertando nele a necessidade de conhecer o outro.

Entre os parentes campinenses, logo se afeiçoou ao primo menor, com quem descreve agradável férias, cujos dias foram marcados pelo compartilhamento de jogos de cartas e leituras de livros, aos quais reputou, em rol, de “Boas leituras para um menino de 12 anos” (p.10).

Minha primeira visita à Campina Grande ocorreu nas férias de dezembro de 1927 [...]. No intervalo de espera, de uma hora havia o almoço no restaurante de dona Sinhá, estrategicamente situado bem defronte à estação rodoviária. Todos os passageiros famintos corriam desesperados em busca de um bom lugar, na esperança de saciar a fome enquanto esperava o outro trem [...] Maior que a decepção do almoço, foi o deslumbramento com a paisagem vista do trem, já no fim da tarde entre Galante e Campina Grande, cos seus inúmeros rochedos aflorando a cada instante, numa paisagem inteiramente nova para meus olhos de menino nascido e crescido em terra de planícies.

Aluno de escola pública, num tempo em que estas instituições denunciavam ensino de excelência e disciplina notável para aprendizes voltados exclusivamente aos estudos, o olhar de

Bezerra de Carvalho ansiava novas paisagens, para além daquela que o surpreendera no agreste da Paraíba. Queria ir mais além, pois a cidadezinha que passara sua infância já não era tão grande quanto ele imaginava ser. No embalo da necessidade de sair além de seu lugar de origem, tão logo concluiu os estudos, submeteu-se à matrícula no curso de medicina, em Recife, no ano de 1931. Morar na capital é narrada como momento importante na vida do futuro médico, pois cortava seus laços de vez com Glória do Goitá.

Em Recife descobriu a capital Pernambucana já afetada pelo o moderno e se deparou com uma cidade repleta de símbolos e signos: prédios, trânsito e pessoas para todo lado que a vista alcançava. Renovou-se enquanto pessoa, segundo suas palavras.

Na cidade, Bezerra de Carvalho logo se transformou de criança solitária e sem irmãos em rapaz com amizades. Na faculdade de Medicina conseguiu fazer um leque de contatos que cedo o ajudou a se integrar na Veneza Brasileira, passando a se hospedar em uma pensão com alguns colegas de curso, como forma de baratear os custos. A respeito, destaca que, não tendo renda familiar, passou a trabalhar num serviço mal-ajambrado de enfermagem, sobrevivendo com cem mil reis por mês, fruto de seu trabalho aplicando injeções e fazendo curativos em pacientes indicados por seus professores.

Por não ter perdido o contato com seus parentes campinenses, especialmente com seu primo João, Bezerra de Carvalho voltou anos mais tarde à Campina Grande, dessa vez em 1937. Já havia concluído a faculdade e, noticiado da economia dinâmica da cidade e de seu desenvolvimento urbano, tornou ao agreste paraibano na tentativa de conseguir um posto de trabalho. Uma notável reforma urbana ocorreria na cidade, que a modernizaria a olhos vistos, somada a uma migração de populações diversas, do Brasil e do mundo, que via na cidade um lugar de futuro, deu à Bezerra de Carvalho a certeza de que ali poderia viver e fazer a carreira como médico.

## **2.1 A vida sob o estetoscópio**

Bezerra de Carvalho iniciou seus estudos em Recife e aos 17 anos ingressou no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Recife no ano de 1931, finalizando-o cinco anos após. Um ano após o término, abriu seu escritório médico em Campina Grande, um dos pioneiros na cidade.

Especializado em cardiologia, Bezerra de Carvalho logo formou uma equipe, responsável pelo primeiro diagnóstico da doença de chagas na Paraíba. Em entrevista para o Museu da imagem e do som do Conselho regional de Medicina da Paraíba, em 2010, Bezerra

de Carvalho diz que *O exercício da medicina no início foi duro, muito duro, porque eu não sabia cobrar, nunca fui um bom comerciante*".<sup>2</sup>

Seu apreço para com a medicina era nítido pela sua dedicação em sempre levar para seus pacientes o melhor. Naquela mesma época (de 1920 a 1940), Campina Grande não havia energia elétrica permanente, porém Dr. Bezerra de Carvalho equipou sua clínica com um gerador de energia e aparelho, até então raros na cidade.

Vale lembrar também que foi o próprio Bezerra de Carvalho um dos fundadores da Sociedade Médica de Campina Grande, em 1952. Na mesma entrevista citada acima, o médico diz que o paciente que visita sua clínica *"não é um objeto, é um irmão meu que está precisando de ajuda"*.

Bezerra de Carvalho sempre buscou fazer mais pelos seus pacientes e como reflexos dos seus investimentos e dedicação, alcançou o título de professor no ano de 1961, na Faculdade de Medicina da Universidade da Paraíba (Hoje UFPB). O médico ministrava as aulas da terceira cadeira de Clínica Médica para os alunos do sexto ano, na mesma instituição.

Em uma de suas viagens a João Pessoa descobriu que havia planos para criação de uma nova faculdade de medicina para João Pessoa, o que o levou a procurar seus colegas, sendo um deles o prefeito em exercício, Elpídio de Almeida, para a trazer a faculdade para Campina Grande. Com o empuxo político, em janeiro de 1964 ocorreu a primeira reunião para criação da sociedade mantenedora da Faculdade de Medicina de Campina Grande.

### **Figura 1: Inauguração da sociedade médica de Campina Grande**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.obeabadosertao.com.br/v3/orniudo\\_fernandes/icones-da-medicina\\_4939.html](http://www.obeabadosertao.com.br/v3/orniudo_fernandes/icones-da-medicina_4939.html)

### 3 A FAMÍLIA E A CIDADE SOB UM OLHAR CRITERIOSO

Tudo que está relacionado ao homem pode ser utilizado como fonte histórica. Nesse sentido, a fotografia possui um fator de importância visto que sua linguagem não verbal, revela o que está oculto em documentos escritos e fontes orais. A fotografia torna-se então uma visão de mundo. De acordo com Carvalho, Felippi e Lima, “essas novas abordagens valorizam duplamente a fotografia porque dão ênfase não somente aos temas que nela aparecem relatados, mas às formas como esses temas são constituídos” (2002, p. 11).

Para Mauad (2012), “não é de hoje que os estudos históricos ultrapassaram os limites documentais de uma escritura feita exclusivamente com documentos verbais”. Nesta reflexão, a materialidade presente nas fotografias nos mostram uma realidade de costumes relacionados a um determinado local ou pessoa no qual as fontes orais e escritas não são capazes de descrever com precisão, mas que a imagem consolida por meios dos elementos visuais de significação e de representação.

Entretanto Kossoy (2002) chama atenção para a utilização da fotografia como fonte histórica, pois a imagem é uma construção, tão logo a associação entre documento e representação são inevitáveis. Para o autor “A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (2002, p. 38).

A fotografia pode também causar uma sensação de sentimentos de quem as analisa, tais como o medo, angústia, alegria entre outros. Para Anne de Mondernard (1999) a fotografia apresenta nossa percepção de mundo, tão logo está enraizada nas fotos uma função documental e testemunhal dos fatos. De acordo com a autora, “o fotógrafo capta etapas, momentos significativos, e o documento fotográfico fica como uma prova.”

Ciavatta (2002, p. 32) propõe que “a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória, sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado”, ela é portanto uma fonte que permite conhecer aspectos da memória coletiva e individual vividas em outros tempos, assim, de acordo com SÔNEGO (2010) retratam a História Visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos e atores sociais, permitindo aprofundar o conhecimento da cultura material, expressa na arquitetura, nas cidades e nos objetos.

#### 3.1 Fotos da família.

As fotografias possuíam um valor simbólico na vida de Severino, cerca de 90% das fotos do acervo fotográfico são representadas por fotos pessoais que envolvem sua família, o próprio

Severino Bezerra, seus amigos e outras que tangiam o que estava ao seu redor, construções urbanas, objetos, natureza. É interessante notar o cuidado com as fotos, grande parte em ótimas condições de preservação. Severino mantinha também em sua casa um estúdio fotográfico e de revelação, todas as fotos eram organizadas por álbuns datados, sendo em sua maioria fotografias de seus filhos e esposa, poucas são as imagens em que Severino está presente.

**Figura 2: Família Bezerra de carvalho Reunida em ceia natalina.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

A fotografia acima marcou a vida de Severino e seus dias de luto devido por este ter sido o último natal comemorado ao lado do seu filho Flavio, o médico batizou esta foto de “O último Natal de Nelumbo”. Na foto estão presentes, da esquerda pra direita: Magnólia, Adriana, Severino, Dona Zezé, Alexandre, Valéria, Isolda, Flávio e Saul.

**Figura 3: Dona Zezé em casa ao lado do seu piano.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

*O Piano*

*Faz sessenta e seis anos...Vejo ainda  
(Os olhos da saudade nunca me dormem)  
Teu vulto esquivo numa luta insana  
Com o piano de armário velho e rouco.*

*Negro velho piano, abandonado  
Num recanto da sala penumbrosa  
Que pouco a pouco foi soltando as notas.  
E dois “sonhos de amor” se entrelaçaram*

*Vivemos justos seis decênios  
Há seis anos sozinho, ainda os tenho  
Tão vivos neste agora como dantes.*

Mulher de baixa estatura, cabelos curtos e castanhos, Maria José nasceu em 27 de Julho de 1916 e foi apaixonada pela música, quando Severino a conheceu ela tocava o mesmo piano que está a sua frente. No acervo existem documentos que comprovam que dona Zézé fazia doação para entidades campinenses e estava ligada à igreja católica assim como foi professora de artes no Instituto São Vicente de Paula em Campina Grande.

*Vésper*

*Quando me foste em justos seis decênios.  
O Mamoré cobriu mas teu aroma permaneceu em tudo que tocavas.  
E aonde eu vá. Me aguarda sempre.  
Oh nunca ouviisse o despertar do sonho.  
O que azulmente a luz do amor floresce, nem fosse a morte esta saudade  
Imensa, anoitecendo e amanhecendo acesa! ...  
Se agora em olhar pudesses indagações  
Onde estão aquelas gotas que ali brilhavam como aljôfar.  
Ainda choro, sim; um choro dentro que nasce e morre enxuto no silêncio  
das minhas lentas, lesmilentas noites”*

Severino a chamava de “Vésper”, devido ao planeta Vênus, que tanto pode ser observado depois do pôr do sol ou antes do amanhecer, o trocadilho faz alusão a convivência diária entre o casal.

Em seus poemas Severino expressa bem como a vida junto a dona Zézé marcou de forma significativa a sua. Ele preservou a memória da sua esposa e imortalizou a vida dela também em fotografias e quadros, o médico não permitiu para si que morte da sua esposa fosse o fim.

**Figura 4: Severino Bezerra de Carvalho e Dona Zezé**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Nesta visita conheceu Maria José, que pareceu seu oposto, mas que o complementou desde o primeiro encontro. Ele, alto e calado; ela, pequenina e alegre, com rosto brilhando de sorriso perene, emoldurado por cabelos curtos e castanhos. Pianista fina, professora, Zezé despertou em Severino um amor incondicional, e não tardaram a casar, ali se formando, como fruto desse amor, uma família com seis filhos.

Severino não pensou duas vezes quando decidiu que seria em Campina Grande que faria sua morada para o resto da vida ao lado de sua esposa e de seus filhos. Tão logo fundou seu escritório médico na cidade, era reconhecido pela competência e responsabilidade no exercício, reflexo do mesmo cuidado que teve como pai e marido.

Logo adentrou num frenético mundo intelectual da cidade, que circulava entre as livrarias e sorveterias, enturmado-se como advogados, escritores, cronistas, jornalistas, juízes e padres. Era um mundo masculino, que discutia as questões locais na Choperia do Willy, um austríaco que acorrera à cidade para ganhar a vida. Logo se destacou com seu conhecimento e sabedoria como médico competente. Seu nome sempre foi forte nas ruas da cidade, reconhecido por suas coleções e seus livros críticos. Um intelectual que fazia parte da camada cultural da época, um homem que aparentava estar sempre saudável e sorridente, embora sua família e vida particular já estivessem marcadas por problemas e dissensões, dos quais nos reportaremos mais tarde.

**Figura 5: Flavio Bezerra de Carvalho**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Flávio nasceu em 08 de Setembro de 1948, assim como seu pai, era bilíngue e pintava quadros e fez exposições de suas obras em Fortaleza. Um fato curioso sobre sua personalidade foi o hábito de fumar, controverso tendo em vista que figura de seu pai era associada a saúde.

Foi a criança pela qual Severino tinha um carinho enorme, porém o destino não foi justo com seu filho pois aos treze anos de idade Flavio foi vítima de um tiro acidental causado pelo seu irmão Alexandre e faleceu. O luto perseguiu Severino pelo resto da vida, a figura do seu filho querido não estava mais presente. A morte foi constantemente lembrada por seu pai em fotografias, pinturas e poemas pois sua conexão com Flavio foi tamanha que o médico fez questão de deixar expor na sua casa os quadros do filho juntamente com algumas fotografias.

**Figura 6: Saul Bezerra de Carvalho**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Saul Bezerra de Carvalho nasceu em 24 de Julho de 1952, Cresceu em um ambiente de luto familiar o qual seu pai direcionava sua criação para a figura de seu filho falecido. Saul também pintava quadros e em algumas nas suas obras podemos notar características de sua personalidade.

Saul chegou a passar para o curso de medicina, mas não cursou devido sua morte, o que chama atenção é que existem dois motivos para tal fato, a primeira hipótese é a que Saul teria falecido devido a um infarto porém há relatos que ele teria cometido suicídio.

Em seu diário denominado de “Segundo Caderno” (Pg.15) Severino descreve o quarto do seu filho, que foi preservado após sua morte:

“La em baixo há um quarto que meu filho caçula usava, e ainda se conserva do jeito que ele o deixou, há mais de vinte e cinco anos. Era seu quarto de estudos e também discoteca-boate, onde eu não podia entrar, enquanto ele viveu. Duas estantes cheias de livros, uma escrivaninha de luxo cadeira em braços em couro trabalhado e um quadro negro[...] Encontrará a porta de entrada alta e estreita toda pintada de negro com uma faixa branca do lado esquerdo e na parte superior. Não me pergunte o porquê dessa incursão intempestiva, decerto, porém indispensável para a preservação da minha integridade mental.”

**Figura 7: Adriana Bezerra de Carvalho e Alexandre Bezerra de Carvalho.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

A data de nascimento de Adriana consta nos documentos da família como em 21 de Março do ano de 1946, para Severino era uma filha dedicada no ofício da medicina mas que

por uma ironia do destino quatro anos após formar-se em medicina faleceu vítima de um acidente de trânsito em 1974, sendo assim homenageada em 2011 no bairro do Santa Rosa na cidade de Campina Grande onde foi inaugurada uma unidade básica de saúde com seu nome.

Alex, como Severino o chamava, cuidou do seu pai em seus últimos anos de vida, Nasceu em 23 de Janeiro de 1945 e hoje mora em Recife onde realiza pesquisas para Fundação Oswaldo Cruz.

Após fato ocorrido com seu irmão Flávio sua relação familiar, principalmente com seu pai, foi abalada. Severino não o culpava de fato, mas o questionava o porquê de ter acontecido justo entre seus filhos.

**Figura 8: Isolda Bezerra de Carvalho (esquerda) Valéria Bezerra de Carvalho (direita)**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Isolda Bezerra de Carvalho nasceu no dia 31 de agosto de 1940 Setembro e dispomos apenas da informação que ela foi sócia fundadora do Hospital João XXIII e especialista em cardiologia. Faleceu em 2015 enquanto Valeria Bezerra de Carvalho Nasceu em 03 de Dezembro de 1943, e segue a carreira de cardiologista em São Paulo.

Por fim, Magnólia Bezerra de Carvalho nasceu no dia 06 de Abril do ano de 1942. Em 2017 a filha do médico, em visita a Campina Grande, conheceu o acervo que conta a história de sua família e que está preservada através de diários, documentos, quadros e fotografias.

De acordo com a bibliotecária do acervo ela estava “Muito emocionada, ela lembrou

a história de vida de seu pai, memórias da família, nos ajudou reconhecendo personalidades de fotografias do acervo e nos parabenizou pelo trabalho. Reviveu a trajetória do pai e reconheceu ali também a sua própria história”<sup>3</sup>.

**Figura 9: Magnólia Bezerra de Carvalho em visita ao acervo Severino bezerra**

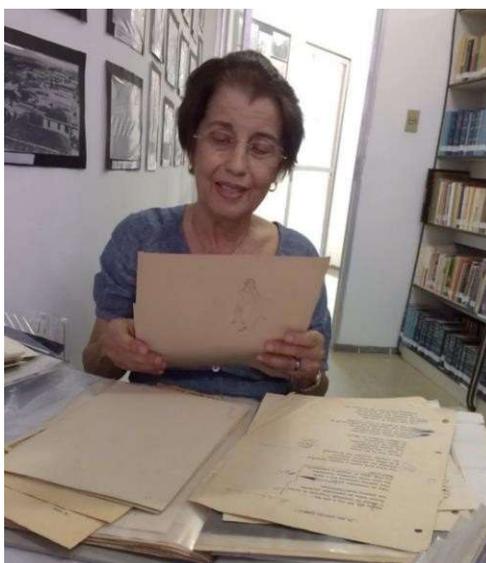


Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvarlho

#### **4.1 Fotos da cidade.**

Dentre os mais variados registros fotográficos, existem o da cidade de Campina Grande e suas modificações. Severino presenciou os primórdios da modernidade na cidade, ruas eram abertas, prédios e praças eram construídos enfim, uma nova cidade se moldava sustentada na economia. As fotos da cidade são datadas a partir da época de 1920 algumas foram adquiridas pelo médico e outras montadas pelo próprio Bezerra.

A imagens revelam uma Campina Grande sem muito aparato tecnológico, automotivo e estrutural. Porém essa paisagem sofreu alterações com o passar dos anos e podemos observar em seus registros algumas modificações. É interessante voltar nossos olhares para as estruturas que sobrevivem ao tempo e se mantêm firme na paisagem urbanística até hoje.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/filha-de-severino-bezerra-de-carvalho-visita-universidade-estadual-da-paraiba-apos-catalogacao-do-acervo-literario-do-pai>

**Figura 10: Catedral de nossa senhora da conceição na década de 30, Campina Grande - PB.**

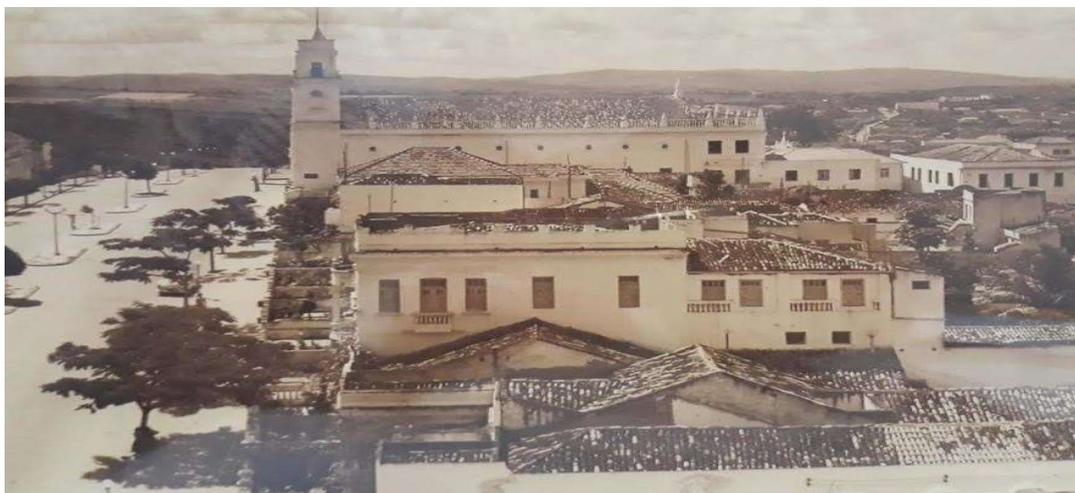


Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

A foto acima, assim como outras encontradas no acervo, compõe uma panorâmica com dez fotografias, a foto em especial foi montada por Severino, sua lente captou uma Campina Grande após a reforma idealizada pelo prefeito Vergniaud Wanderley no período de 1930 a 1945. Ao lado esquerdo da Avenida Floriano Peixoto a praça Clementino Procópio e o cine Capitólio ganham destaque e a direita ao fundo, chama atenção o prédio do colégio das Damas.

A foto é um recorte de uma panorâmica na qual se destaca a paróquia esta que já foi evangelizada por Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas foi criada em 1769 no pontificado do Papa Clemente XIV pelo Bispo pernambucano Dom Francisco Xavier Aranha e já passou por várias reformas. “Os edificios públicos são: a Matriz, que está em reconstrução e que depois de concluída ficará uma das mais espaçosas e de maior arquitetura das igrejas do centro deste Estado (...)” (LAURITZEN: 1890)

Em 1877 foi erguido ao lado da matriz o paço municipal, porém foi demolido dando espaço para o estacionamento. O que chama atenção na construção são as torres, uma delas tem na sua parte superior o formato pontiagudo, enquanto o outro é plano, por muito tempo pensou-se que a construção estaria inacabada, mas de acordo com o próprio site da matriz “Registrou-se que está torre sem agulha foi propositalmente construída para nela serem hasteadas as bandeiras da Imaculada e dos Santos.”

**Figura 11: Rua Monsenhor Sales, década de 1930.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Uma das fotos mais icônicas e representativas do acervo é a da rua Monsenhor Sales na década de 1930, nela o cotidiano da vida campinense está em ênfase nos pequenos detalhes. Podemos observar a pequena venda de doces na esquina em contraste com o imponente pavilhão Epitácio. A rua é bastante lembrada pelo seu apelido o “Beco do 31” nome este herdado da década de 1920 quando ali funcionava a sociedade dançante e Clube renascença 31 ao lado do sobrado de Cristiano Lauritzen.

**Figura 12: Rua Maciel Pinheiro na década de 20.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

O nome da rua já diz muito sobre sua importância pois Luiz Ferreira Maciel Pinheiro nasceu na capital paraibana e foi um importante jornalista nordestino sendo ele fundador do jornal “O norte”, “O futuro” e a também “A província.” Além de ter ocupado a 22ª cadeira na academia Pernambucana de Letras.

**Figura 17: Vista parcial Rua Maciel Pinheiro década de 20.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

A rua que também já foi chamada de Rua Grande, Rua do Seridó, Rua da Feira, sempre concentrou em seu fluxo o comércio. Já abrigou lojas, livrarias e cinemas. Como por exemplo, na imagem acima, podemos notar a presença do Hotel Central e do Cine Fox.

A Maciel Pinheiro foi palco dos antigos carnavais campinenses até a década de 1970 e não poderíamos esquecer que partiu desta rua a grande comitiva do prefeito Cristiano Lauritzen rumo a inauguração da estrada de ferro em 1907.

Hoje a rua é um dos pontos mais centrais de Campina Grande, seja pelo seu ponto comercial ou pela sua beleza em dias vazios. Vale ressaltar que mesmo diante toda a modernidade que Campina Grande teve nos últimos anos algumas fundações preservam-se e como exemplo temos o sobrado de Cristiano Lauritzen e algumas fachadas em art D'cor

**Figura 13: Praça Clementino Procópio, década de 1950**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

A foto que não é de autoria do Dr. Bezerra mas que se encontra em seu acervo e nos dá o panorama da Praça Clementino Procópio na década de 1950, Catorze anos após sua inauguração nesta época sua arquitetura original estava em Art d'eco assim como o Cine capitólio ao fundo da imagem.

A praça que foi construída na gestão do prefeito Bento Figueiredo, assim como a rua Monsenhor Sales não é muito conhecida pelo seu nome de origem sendo batizada como “Pracinha dos *hippies*” ou “Praça do Sebo”

Em linhas Gerais sabemos o quanto Campina Grande tem evoluído estruturalmente e que a modernidade tem atingindo a cidade ao longo dos anos e com isso sua paisagem se modificou cada vez mais e o Dr. Bezerra de Carvalho contemplou essas mudanças, registrou todas as nuances do modernismo em fotografias.

O médico ao mesmo tempo que aumentava sua coleção preenchia também um espaço na história de Campina Grande. As fotos encontradas em seu acervo nos mostram as mais diversas faces da cidade, onde a comparação entre o antes e o depois são inevitáveis e que nos remontam ao longo dos seus 155 anos de emancipação política um pouco mais de sua história.

Porém seus passatempos não estava restritos apenas as fotografias, veremos a seguir o quanto o médico era apaixonado pela as mais diversas formas de se fazer arte, chegando até a escrever e publicar livros importantes para Campina Grande.

## 4 UM AMANTE DAS ARTES

### 4.1 Música para seus ouvidos.

Assim como sua esposa, Severino era apaixonado pela música e produções áudio visuais. Seu apreço por esta vertente é sem dúvida decorrente do seu carinho por sua esposa pois Severino guardou em seu acervo os mais diversos discos e dos mais variados gêneros. Porém os discos de música clássica, paixão de dona Zezé, estão em grande maioria.

Hoje o acervo conta com mais de 1500 discos, cds' e fitas cassetes que foram doados pela família após a morte de Severino, entretanto cerca de 300 discos o médico doou em vida para seu amigo o Dr. Sabino Rolim.

**Figura 14: Estante de discos, e outras mídias áudio visuais**



Foto: Do autor

### 4.2 Literata, poeta e poliglota.

Poliglota, Dr. Bezerra falava francês, espanhol, inglês, latim e alemão. Possuía em sua estante de livros os mais diversos títulos e em diferentes línguas, livros que vão da literatura erudita e técnica até clássicos brasileiros e internacionais.

Em uma das suas últimas entrevistas gravadas<sup>4</sup>, para o Conselho regional de medicina

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.obeabadosertao.com.br/v3/orniudo\\_fernandes/icones-da-medicina\\_4939.html](http://www.obeabadosertao.com.br/v3/orniudo_fernandes/icones-da-medicina_4939.html)

da Paraíba, quando perguntado sobre seus *hobbies* ele destaca a leitura como o mais importante, e não é toa, o médico arriscou-se no viés de escritor e teve algumas de suas obras publicadas.

O livro “Nelumbo e outros sonetos” foi uma das primeiras publicações do médico/escritor. Assinado com o seu pseudônimo, a obra traz uma coletânea de sonetos dedicados à sua família em principal ao seu filho falecido Flávio.

**Figura 15: Capa de "nelumbo e outros sonetos" s/d**

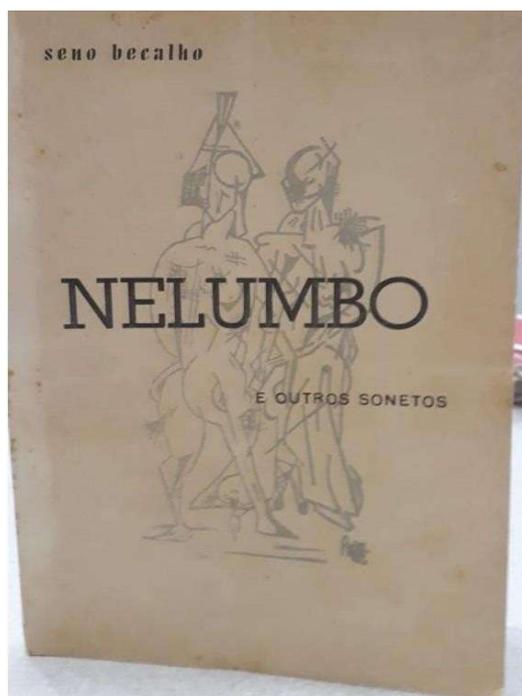


Foto: Foto do autor

O pseudônimo Seno Becalho é formado por um diagrama do nome do real do autor, - (Se)veri(no) (Be)zerra de (Ca)rva(lho) - enquanto o nome do livro é em homenagem ao seu filho Flávio, que era chamado por Severino de Nelumbo. O nome faz referência as Nelumbonaceae, que é um gênero de plantas conhecidas como flor de Lotus, símbolo de pureza, perfeição e sabedoria na crença budista. Nas entrelinhas dos vários sonetos escritos, o médico expressa sua dor e saudade dos familiares que não estavam mais vivos. Ele se mostra aprisionado em um ciclo do qual não consegue desprender -se das lembranças.

Em um poema sem título é notável sua dor.

*“Silencio roxo e cinza. O ipê floroaco  
Cada novembro mais pungente gládio  
Sombra e silencio, em ziguezague célere  
Solitário morcego cinde o espaço.*

*Tão súbito se vai quanto regressa.  
 Pairando aos poucos palmos da vidraça  
 Foge, retorna e finalmente parte  
 Pela noite som fim, no voo incerto”*

*Na penumbra da sala, tentam outras  
 Asas em febre novamente um voo  
 E logo pendem e mal começa o adejo*

*Asas inúteis, alma! Nem te esforces.  
 Que há sempre uma vidraça em toda porta  
 Para impedir a entra dos morcego.*

Outro livro que obteve notoriedade em Campina Grande foi o “Memórias de Casmurrindo Vespa” lançado em 1964 no qual “registra vivências, ironiza figuras consideradas como intelectuais, denunciando uma sociedade fugaz, superficial e cheia de vícios, condensando inúmeras críticas à sociedade campinense da época.”<sup>5</sup>

Na obra:

*Caríssimo ex-prefeito: Seu amigo  
 Nunca lhe faltou em horas de amargura  
 Aperte a mão que estendo, ainda é pura.*

*Tão pura como o céu que em vão perigo  
 Sim governar é mesmo coisa dura*

*Mais dura que um abraço de inimigo*

*Farei sua defesa, porem sigo  
 Processo ultra moderno: de tonsura.  
 Você fez quanto pôde, irei prova – lo  
 Não se deve culpar somente o galo  
 Se há cobras e lagartos no chiqueiro*

*Se um “Governo do povo” desgoverna  
 A Câmara (perdão) Virou taberna  
 É bebida o suor do povo inteiro.*

Vale lembrar que Severino viveu no auge da gestão de Vergniaud Wanderley, prefeito que instaurou o processo de modernização em Campina Grande e que dividiu opiniões devido ao método que fora aplicado.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/2019/10/04/obra-do-mes-de-outubro-memorias-de-casmurrindo-vespa-1964-e-o-dicionario-bio-bibliografico-de-repentistas-e-poetas-de-bancada-vol-01-e-02/>

Em um artigo escrito por Severino Cabral Filho, Severino Bezerra credita o gestor da cidade na década de 40, e diz que: *“Aquela Campina Grande de 1937, onde ancorei, tinha muito mais de roça do que de cidade grande. Campina era um pardieiro, a cidade fedida, o que Campina Grande é hoje, no que ela se transformou quem organizou foi o prefeito Vergniaud Wanderley, é a ele que deve o que é hoje.”*(Pg.47)<sup>6</sup>.

**Figura 16: Capa do livro “Memórias de Casmurrindo Vespa” publicado em 1964.**

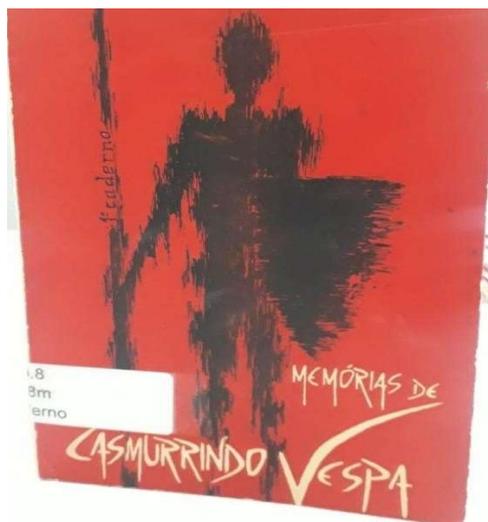


Foto: Ana Carolina Aragão.

**Figura 17: Lançamento do livro Memórias de Casmurrindo Vespa, na Livraria Pedrosa, em 1964**



Fonte: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

O registro fotográfico foi feito no hall da Livraria Pedrosa em Campina Grande. No momento da foto Severino autografa um dos exemplares enquanto está cercado por admiradores

<sup>6</sup> Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh>.

e intelectuais da cidade.

Além das obras que foram publicas existem também os registros em diários, esses que foram de suma importância para a construção deste trabalho. No acervo tive acesso a dois volumes o qual Severino reveza entre sua história de vida e rascunhos de poemas.

### 4.3 Entre aquarelas e pincéis.

Além das obras literárias citadas acima, Severino também dedicava-se a pintura em tela, *hobbie* que também foi repassado para seus dois filhos: Flavio e Saul. No acervo estão expostos alguns quadros dos seus filhos e podemos notar a diferença entre dois mundos completamente distintos.

**Figura 18: Pinturas de Flávio e Saul Bezerra de Carvalho.**



Foto: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Enquanto nas pinturas de Flávio (Esquerda) podemos observar características de vivacidade e cores, nas obras de Saul (Direita) o as obras ganham aspectos obscuros e estão na maioria das vezes em preto e branco. Os quadros retratam também as perspectivas e os sentimentos que cercavam os dois filhos de Severino.

Severino registrava sua vida em um mundo que vinha se modernizando, suas fotografias captavam uma cidade cada vez mais movimentada e tomada pelo progresso, suas pinturas e sua escrita mostravam suas facetas que também se moldava se acordo com o que o cercava.

A medida que os prédios eram erguidos, novos bairros iam surgindo e Campina grande não parava de crescer Severino seguiu sua senda de pesquisas, vida e história, foi envolvido cada vez mais pelo o espaço ao seu redor.

Mas afinal, quem foi este homem? Severino foi médico, Amante das artes e da família, era poliglota e médico, escritor e pai, apreciava uma boa música e estava cercado por diversas camadas sociais, um homem que a cada passo que registrava sua história deixava também guardado tudo que seu olhar criterioso alcançava, sua vida possuiu altos e baixos, sua carreira

profissional foi longa e duradoura, seus atos e conquistas permaneceram guardados hoje em seu acervo mas acima de tudo, Severino Bezerra de Carvalho foi mais um ilustre cidadão campinense.

## 5 O ACERVO E SUA MEMÓRIA

Quase todo o acervo do Dr. Severino Bezerra de Carvalho foi adquirido pela UEPB no ano de 2014 e hoje também faz parte da biblioteca Atila Almeida. Digo “quase”, pois alguns dos seus discos, livros e instrumentos de trabalho entre outros objetos foram doados ainda em vida a outros amigos ou estão com familiares.

O espaço conta hoje com livros do século XX e XXI sendo alguns raros, além de sua coleção de vinis com direito a coleções de artistas como Villa-Lobos, Chopin, Mozart, Beethoven e Bach, além de outros aparatos citados anteriormente como as fotografias e pinturas.

Na galeria ainda possui quadros e registros fotográficos feito por amigos e familiares, títulos e diplomas alcançados pelo médico, cartas e documentos pessoais além de instrumentos de trabalho e lazer, todos catalogados e disponíveis para acesso ao público em geral

Abaixo foram reunidas algumas fotografias do Acervo Severino Bezerra de Carvalho que mostram a dimensão de componentes que pertenceram ao médico.





## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos a história de vida do Dr. Severino Bezerra de Carvalho e suas contribuições como profissional e civil em uma sociedade que ainda estava em desenvolvimento econômico e também cultural. Investigamos sua vida através do legado deixado em seu acervo. Como resultado da pesquisa podemos afirmar que preenchemos uma parte da história de Campina Grande nos utilizando da influência e intervenção do nosso personagem central.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais aprofundada de como a História está enraizada nas mais diversas ciências sociais, assim como destacamos o papel fundamental da escrita biográfica em relação a história. Provocamos também uma discussão sobre as contribuições deixadas em um acervo tendo em vista que seu material pode ser utilizado como fontes para escrita da história de um local ou personalidade.

Dada à importância da temática vista a partir da biografia histórica, torna-se necessário o desenvolvimento de mais pesquisas como forma de aumentar o aparato histórico/ biográfico da região de Campina grande e do nosso biografado. Observar o sujeito a partir do local, pois sabemos que a história está repleta de personagens que deixaram sua marca notempo, e a cada linha contada de sua vivência uma nova face é revelada, uma nova verdade é construída ou desconstruída.

Sempre me questioneei qual o papel do historiador, e é uma pergunta a qual a resposta é repleta de clichês e frases prontas, mas que sim, é verdade, pois o historiador em sua pesquisa tem como objetivo contribuir para que o futuro seja orientado com raízes no passado.

Bezerra de Carvalho viveu seus últimos dias em sua casa perto dos seus cachorros e de seu filho, Alexandre. Sua casa, que há muito tempo já estava vazia, refletia seu estado de solidão. Antes de falecer, aos 96 anos, Severino gozou de sua aposentadoria, cuidando de sua coleção de orquídeas e peixes ornamentais e foi “a cada ano se isolando, optando por um recolhimento intelectual, folheando livros, observando o seu acervo de fotografias”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Disponível em: <http://www.grandecampina.com.br/2012/04/artigo-bruno-gaudencio-destaca-o-lado.html>

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Alexandre de Sá. **A retomada da biografia histórica**. *Oralidades*, n.2, p.45-60, jul/dez 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900 -1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **Biografia: quando o indivíduo encontra a História**. *Topói*, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009.
- CABRAL FILHOS, Severino. **Da fotografia e da lembrança de velhos: A cidade revelada**. *SÆCULUM - Revista da História*. João Pessoa (2008). Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh>.
- GINZBURG, Carlo. **A microhistória e outros ensaios**. São Paulo: DIFEL, 1989.
- JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Parahyba**: fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro em 1892, com prefácio de Capistrano de Abreu. Thesaurus Editora: 1977.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**. 1. ed. Rio Grande do Sul: EdUPUCRS, 2012. 133 p. v. 2. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/1494>. Acesso em: 13 maio 2020.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994 ( tomo I ).
- SÔNAGO, Marcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica**. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6718>. Acesso em 2019.
- Sousa, A. B. **"Biografia e escrita da história: Reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder"**. *Revista universitária rural: Série Ciências Humanas*, v. 29, n., jan./ jul. 2007, p. 27-36